

CARNAVAL DE 1965 (REPETIDA EM 1986)
D. INÊS DE CASTRO NA VIDA DE D. PEDRO

Maria Angelina de Sousa (*A Turlu*)

A Turlu nasceu a 5 de Novembro de 1907, na freguesia de S. Mateus e faleceu no dia 5 de Janeiro de 1987, na cidade de Toronto - Canadá. Era filha de José Teixeira de Sousa e de Maria da Conceição Soares de Sousa.

Sabia ler e escrever.

Doméstica.

Foi doze vezes à América do Norte cantar a convite dos emigrantes portugueses ali radicados. Para o mesmo fim, deslocou-se também ao Canadá em 1965.

Maria Angelina, então viúva de Francisco Teixeira Borges, casou, em 1973, com o improvisador José de Sousa Brazil (O Charrua).

Esta cantadeira ganhou o primeiro prémio e medalha de ouro, com o respectivo diploma, no Torneio de Poesia Popular, realizado no ano de 1934, no Teatro Angrense.

A Turlu começou a dizer cantigas com a idade de sete anos. Porém, só se estreou a cantar aos quinze anos, na freguesia de S. Bartolomeu com o falecido improvisador — António Dias. A partir daí, tomou parte em cantorias com o José Patrício, Tenrinho, Bravo, Charrua, Gaitada, Vital, Ferreirinha das Bicas e muitos outros.

Compôs imensos "enredos" para danças, entre os quais se destacam as seguintes : "O Filho Pródigo", "Santa Bárbara", "A Vida dos Pobres Ciganos", "A Batalha da Salga", "A Sentença de Salomão", "A Independência de Portugal", "Dona Inês de Castro na Vida de D. Pedro", "Mulher Casada sem Miolo e Cabeça". Maria Angelina além de compôr "enredos" para danças, publicou pequenos opúsculos sobre vários casos passados na Ilha Terceira. Não só fez quadras como também compôs décimas, glosas, oitavas, quintilhas e sextilhas.

O princípio da dança

O mestre canta saudando o povo

Boa tarde ó assistência
A Divina Providência
Vos venha abençoar
Dando-vos saúde e brio
A mim do mesmo feitio
P'ra que vos possa cantar

Desejo felicidade
À velhice e mocidade
Na santa paz de Jesus
Cada ancião um exemplo
E cada lar seja um templo
Cada jovem uma luz

Já a boa tarde dei
E a todos saudei
Foi esse meu ideal
E agora vou louvar
Uma festa de encantar
Que se chama Carnaval

Carnaval és engraçado
De nós todos desejado
Tu já és nosso freguês
És alegre e folgazão
Por isso és a distração
Do pessoal camponês

Carnaval és sempre lindo
E de nós todos bem-vindo
Todos te estão desejando
Festas alegres e belas
Onde jovens e donzelas
Levam a vida folgando

Dançam uma valsa. E depois o mestre apresenta o assunto.

Apresentação do assunto

Povo que veio escutar
Cidadão ou camponês
Eu vos venho apresentar
D. Pedro e Dona Inês

Os dançarinos repetem. Param os instrumentos e D. Pedro vai ao pé de D. Inês, e vêm os dois passeando pelo meio da dança.

D. Pedro

Senhora! Ando tresloucado

Com um sentimento distinto
Ando por ai desvairado
E creia que não lhe minto
Com toda a sensatez
Dê-me licença Dona Inês
Para vos dizer o que sinto

Dona Inês

Diga D. Pedro o que sente
Não seja coisa ruim
Mas de certo brevemente
Vossas mágoas terão fim

D. Pedro

Sou eu que morro por si
Ando doido por aí
Quero-a, quero-a para mim

Dona Inês (assustada)

Senhor, pelo amor de Deus
Não me diga coisa tal
Que trabalhos foram os meus
Em ter vindo para Portugal

D. Pedro (triste)

Senhora, se assim me diz
Eu serei um infeliz
E minha hora é final

Dona Inês

Senhor! De mim tenha dó
E nisso não me fale mais
Faz-me reduzir a pó
E dar suspiros e ais

D. Pedro

Senhora! Em não me aceitar
Creia que me faz passar
Os momentos mais fatais

Dona Inês

Senhor! Então já vos digo
Que o amo loucamente
Isto é um grande perigo
Que me mata lentamente

D. Pedro (aliviado)

Estou agora descansado
Sei que por vós sou adorado
Estou louco de contente

Dona Inês (ansiosa)

D. Pedro muito cuidado
Para ninguém apanhar
Vai dar um mau resultado
Que nem me quero lembrar

D. Pedro

Não esteja agoniada
Que sempre pela calada
Nós havemos de conversar

O mestre canta

Amaram-se loucamente
Assim marcava o destino
Mas esse amor tão ardente
Foi seu punhal assassino

Os dançarinos repetem. Param os instrumentos e segue o assunto.

1º Fulano

Será certo o que eu ouvi
Por duas bocas ou três
Falam tanto por aí
Concerteza é malvadez
Há muita gente intrigante
Dizem que D. Pedro o Infante
Que se dá com Dona Inês

2º Fulano

Pois eu também já ouvi
Mas tudo em dúvida pus
O povo diz por aí
Que na verdade há uma luz
Oxalá que isso acabe
Se a infanta Constança sabe
Misericórdia! Meu Jesus!

1º Fulano

Inês de Castro é de Castela
Vem de grande fidalguia
É encantadora e bela
Brilha como a luz do dia
De todos está em lembrança
Veio com Dona Constança
Por dama de companhia

2º Fulano

Se é dama de companhia
Devia de usar carinhos
Mas o diabo um dia
Também tenta os santinhos
Até que chegou a vez
De o Infante e Dona Inês
Darem passeios sozinhos

1º Fulano

Se Inês dele é amante
Fazem as suas conquistas
Tanto ela como o Infante
Fazem trabalhos de artistas
Passeiam por muitos lados
Mas vão acompanhados
Para não dar nas vistas

2º Fulano

Amam-se pela calada
Cheios de felicidade
Mas alguém deu pela alhada
Já não andam à vontade
Se é que toda a assembleia
Diz por aí à boca cheia
Que esse caso é verdade

O mestre canta

Vamos, vamos mocidade
Bradar todos de uma vez
Foi uma infelicidade
O amor de Dona Inês

Os dançarinos repetem. D. Pedro vai ao pé de Dona Inês e diz-lhe:

D. Pedro

Querida! Venho de caçar
E topo tanta alegria
Vamos os dois passear
É nossa a noite e o dia

Dona Inês (triste)

Com estes nossos passeios

Por montanhas e rodeios
O povo já desconfia

D. Pedro

Inês! Eu sei que no Paço
Já estão a desconfiar
Mas descansa que eu tudo faço
Para a ti te resguardar

Dona Inês

Temo-me de Dona Constança
Se ela tem desconfiança
É capaz de me matar

D. Pedro

Descansa querida Inês
Que eu salvo-te a todo o momento
E o meu pai é que fez
O meu triste casamento
Ó querida eu vou-me embora
Adeus até outra hora
Não fiques em sofrimento

D. Pedro retira-se. Vem um fidalgo chamado Álvaro Gonçalves, e retirada também Dona Inês, diz ao Rei, pai de D. Pedro:

Álvaro Gonçalves

Real Senhor! Aqui venho
Com as ideias perdidas
Com a ansiedade que tenho
Vou dizer de mãos erguidas
Eu já vi mais do que uma vez
O Infante e Dona Inês
Falarem às escondidas

Afonso IV

Vai já chamar o Infante
Que com ele quero falar
Para ver se daqui avante
Ele deixa de abusar

Álvaro Gonçalves

Se El-rei assim se interessa
Meu senhor vou já depressa
O vosso recado dar

Álvaro Gonçalves chega ao pé do Infante e diz-lhe:

Álvaro Gonçalves

D. Pedro! El-rei vosso pai
Quer convosco uma conferência
À vossa espera não sai
Sem que tenha essa audiência

D. Pedro

O mal já está na raiz
Hei-de ouvir o que ele diz
E hei-de ter paciência

O mestre canta

O Rei fala ao Infante
Com sua voz alterada
Mas ele é sempre constante
À sua querida adorada

Os dançarinos repetem. Vai D. Pedro ter com o pai:

D. Pedro

Ó meu pai e meu senhor
Aqui aos vossos pés vim
Estou ao vosso **dispôr**
Diga o que quer de mim

Afonso IV

Filho! Eu chamei-te aqui
Porque ouço por aí
Uma coisa tão ruim

Estou nervoso e cismado
Que tal desgraça em mim caia
Está um boato levantado
Que até meu corpo desmaia
Tudo diz à boca cheia
Na cidade e na aldeia
Que tens amores com a aia

D. Pedro

Que importa o povo falar
Ninguém nada comigo tem
Meu pai é que me fez casar
Com quem à côrte convém
Mas juro mil e uma vez
Que só adoro Dona Inês
A ela é que quero bem

Diz o Rei muito irado com o braço levantado:

Afonso IV

Retira-te daqui para fora
Filho desobediente
Saibas que em nenhuma hora
Apareças na minha frente

D. Pedro (retira-se)

Pai eu já vou retirar
Mas quero-lhe certificar
Que a adoro cegamente

O Rei vira-se para Álvaro Gonçalves e diz:

Afonso IV

E eu já tinha desconfiança
De haver coisa qualquer
Já me disse Dona Constança
E eu farei o que puder
É preciso tomar cautela
Vamos mandar para Castela
Essa maldita mulher

Álvaro Gonçalves

De tudo se vai tratar
De maneiras competentes
Vou mandá-la emalar
Pelos seus feitos imprudentes

Afonso IV

Ela cometeu grande erro
Por isso dou-lhe o desterro
Vai ter com os seus parentes

O mestre canta

Fizeram com diligência
Para Inês ser desterrada
Aproveitando a ausência
De D. Pedro na caçada

Os dançarinos repetem. Entram outros dois fulanos.

3º Fulano

Não sabes? Dona Constança
Já desconfiava dela
E para não haver tardança
Tratam de a pôr à vela
Os amores não vão avante
D. Afonso, o pai do Infante
Vai mandá-la para Castela

4º Fulano

Pois Dona Constança sabia
E fez queixa ao sogro com dor
Para ver se o mal não crescia
Que então era um dessabor
El-rei a vai expulsar
E D. Pedro vai ficar
Sem o seu querido amor

Álvaro Gonçalves vai ao pé de Dona Inês e diz zangado:

Álvaro Gonçalves (zangado)

Trago ordens de El-rei
Para que se vá embora
Veio transgredir a lei
Não fez como uma senhora
Para Castela vai voltar
Trate já de se emalar
E retire-se daqui para fora

Dona Inês (de cabeça baixa)

Sim senhor eu vou partir
Saio do Paço real
Estou prestes a sucumbir
Valha-me o Pai Celestial

Álvaro Gonçalves

Você é como a ralé
E não pode pôr mais o pé
Em terras de Portugal

Inês retira-se e diz o fidalgo Diogo Pacheco a Álvaro Gonçalves:

Diogo Pacheco

D. Pedro está para a caçada
Partiu muito zangado
Quando ele voltar à morada
Vai ficar apaixonado
Não fica nada satisfeito
Mas não houve nada mais bem feito
Que foi ela ter andado

Álvaro Gonçalves

Pois mandá-la para os parentes
Foi todo o nosso ideal
Suas ideias imprudentes
Podiam-nos causar mal
Pois talvez por causa dela
Viesse um rei de Castela
Para o trono de Portugal

O mestre canta

Foi-se embora Dona Inês
Quase morrendo de dor
Há-de voltar outra vez
Aos braços do seu amor

Os dançarinos repetem. Entram novamente o 3º e 4º fulanos.

3º Fulano

D. Pedro à sua esposa
Diz que não tem amizade
Na sua alma repousa
Uma grande contrariedade
Houve qualquer traficança
Casou com Dona Constança
Não foi por sua vontade

4º Fulano

Dona Constança já tinha
Possuído outro marido
Em Castela foi rainha
Antes não tivesse sido
D. Afonso a desprezou
E numa cela a fechou
Por todo o mundo foi sabido

3º Fulano

Esse D. Afonso de Castela
Não era um rei constante
Fechou Dona Constança numa cela
E meteu no Paço uma amante
E por tanto **traspassear**
Veio no fim a casar
Com uma irmã deste infante

4º Fulano

Dona Constança é verdade
Que não é lá muito bela
Mas teve a dignidade
De ser rainha de Castela
Foi mulher de seu cunhado
D. Afonso IV foi culpado
De o filho casar com ela

3º Fulano

Estes casamentos feitos
São uns actos repugnantes
Trazem depois os defeitos
De os maridos quererem amantes
E o povo está vendo
Que isto está acontecendo
Até com os próprios infantes

4º Fulano

Houve para aí uma embrulhada
Uma grande mexedela
Hoje a côrte está descansada
Com Dona Inês para Castela
Mas o Infante anda perdido
Parece um doido varrido
Ainda se vai juntar a ela

O mestre canta

O Infante já voltou
Da sua bela caçada
Está triste, não encontrou
A sua querida amada

Os dançarinos repetem. Vêm outros dois fulanos.

5º Fulano

Mas eu ouvi dizer agora
Que eles se estão a escrever
Que estão a toda a hora
De um e outro a saber
Lá por ela estar ausente
D. Pedro ama cegamente
E o mal está sempre a crescer

6º Fulano

D. Pedro ama com fervor
Essa dama Dona Inês
Só a ela tem amor
Com tamanha embriaguez
Sendo assim não há corte
Que o amor é como a morte
Só vem para nós uma vez

5º Fulano

Deixemos isso da ideia
Que não nos pretende nada
Uns falam à boca cheia
Outros pela calada
Eu só vou apreciando
Eles que se vão amanhando
E desenrijando a meada

6º Fulano

Eu também me vou calar
E o mais para mim são festas
E posso-me orgulhar
De ser das almas honestas
Interessa-me é algum cobre
E não é só à gente pobre
Que acontece coisas destas

5º Fulano

Tu falas e eu estou falando
Mas devemos compreender
Que estamos criticando
E mexericando a valer
Tu fazes e eu também faço
Mas isto são coisas do Paço
Que não nos devemos meter

6º Fulano

É certo o que estás dizendo
Nós devemo-nos calar
Mas o boato está correndo
Ninguém o pode aguentar
A verdade está à vista
Mesmo a aparecer-lhe a crista
Não estamos a inventar

O mestre canta

Que amor desventurado
Com sonhada união
A toda a hora regado
Com lágrimas de abrir o chão

Os dançarinos repetem. Vem Diogo Pacheco e diz ao povo:**Diogo Pacheco**

Os sinos estão a dobrar
No Paço há grande sarilho
Isto não era de esperar
A vida toda é um trilho
A todos explico eu
Dona Constança morreu
Ao nascer-lhe o terceiro filho

Vem um terceiro fidalgo, Pêro Coelho, e diz para o povo:

Pêro Coelho

Senhores é certo morreu
Ó que tal desilusão
O que à infanta sucedeu
Abala-nos o coração
Tanto penou coitadinha
Não chegou a ser rainha
E era essa a sua ambição

Diogo Pacheco

Os sinos estão dobrando
Por essa pessoa real
Agora estão tratando
Na côrte do funeral
Uma morte de repente
Que abalou toda a gente
Está tudo num vendaval

Pêro Coelho

D. Pedro está recatado
Nada diz, não ri, não chora
E El-rei está apaixonado
Pela morte da sua nora
Vai guardar os seus netinhos
Inocentes coitadinhos
Que perderam a mãe agora

Diogo Pacheco

Dona Constança morreu
Perdeu sua vida em flor
Quando o filhinho nasceu
Deu contas ao Criador
A côrte está de luto
Foi pagar seu tributo
A Cristo Nosso Senhor

Pêro Coelho

D. Pedro enviuvou
Está solteiro outra vez
E decerto terminou
Os amores com Dona Inês
Agora está na lei
Casar com filha de rei
O nosso Infante português

O mestre canta

Dona Constança está morta
Já seu corpo está gelado
Agora a sorte conforta
O casal enamorado

Os dançarinos repetem. Pode-se dançar uma valsa.

Continua o assunto

Entra Álvaro Gonçalves e diz ao rei D. Afonso:**Álvaro Gonçalves**

Dai-me licença real senhor
Que expresse meu ideal
Venho cheio de fervor

Para se ocultar o mal
Olhe que a Dona Inês
Ouvi que está outra vez
Em terras de Portugal

Afonso IV (muito irado)

Vai por mim averiguar
Se é certo isso ou não
Não posso acreditar
Do meu filho tal acção
Ele fazer de mim caçoada?
Isso foi uma punhalada
Que me feriu o coração

Saem os dois. Entram D. Pedro e Dona Inês que novamente vivem juntos às ocultas.

D. Pedro

Meu amor, meu ideal
Minha Inês, minha querida
Mandei vires para Portugal
Vamos tomar nova vida
Deus está em nosso socorro
Por ti vivo, por ti morro
Minha rosa florida

Dona Inês

Há que tempos a escrever-te
Com o peito cheio de dor
Deus prometeu-me ver-te
Meu adorado amor
Por tão grandiosa alegria
Dou graças à Virgem Maria
E a Deus Nosso Senhor

D. Pedro

Foste expulsa do Paço
Para lá não poderes entrar
Mas veio um poderoso laço
E tornaste a voltar
Ó que alegria sem fim
Não tenho frases em mim
Com que te possa expressar

Dona Inês

No fim de tanto sofrer
E já com ideias perdidas
Jesus veio socorrer
Estas nossas duas vidas

D. Pedro

Minha Inês, minha adorada
És a minha doce amada
Somos duas almas unidas

O mestre canta

Estão há tempos a viver
Lá nas montanhas da serra
Mas já se veio a saber
Vai dar em barulho e guerra

Os dançarinos repetem. Vem Álvaro Gonçalves e D. Afonso IV.**Álvaro Gonçalves**

Real senhor! Pois afinal
Já tudo averigui
Dona Inês está em Portugal
Já toda a verdade sei
Em Peniche está habitando

E D. Pedro acompanhando
No Paço da serra de El-rei

Afonso IV (zangado)

E eu a julgar que meu filho
Tinha esquecido essa Inês
Isto vai dar num sarilho
E numa grande hediondez
Agora o meu ideal
Era ir lá com um punhal
E matar os dois de vez

Diogo Pacheco (entrando)

Por Deus! El-rei meu senhor
Não faça uma coisa tal
Pois pode que aquele amor
Vá dar em coisa banal
Tudo irá acabar
E isso seria manchar
O trono de Portugal

Afonso IV (aos dois)

Sinto um ódio terrível
Que penso não estar em mim
Até parece impossível
Meu filho proceder assim
E tudo por causa dela
Essa dama de Castela
Mas ela há-de ter mau fim

Vem Pêro Coelho e diz a Diogo Pacheco:**Pêro Coelho**

Eu já ouvi e de verdade
E antes não tivesse ouvido
Nos montes e na cidade
Já de muitos é sabido
E tenho andado à vigília
Eles estão construindo família
Como mulher e marido

Diogo Pacheco

Que vexame, que bandalheira
Mas a desgraça assim quis
Para acabar com a vergonheira
Bastantes esforços fiz
Aquela Inês medonha
Isto foi uma vergonha
Aqui para o nosso país

O mestre canta

Estão vivendo à vontade
Na serra entre verdura
Mas essa felicidade
Por bem pouco tempo dura

Os dançarinos repetem. D. Pedro e Dona Inês:**D. Pedro**

Querida Inês! Estrela rara
Eu já não me sinto só
Vamos viver para Santa Clara
Para o Paço da minha avó

Dona Inês

E se El-rei se vingá em mim
Será bem triste o meu fim
Ai, por Deus, de mim tem dó

D. Pedro

Tu nada tens a temer
Ó querida, comigo caminha
Que te hei-de defender
Por livre vontade minha
Minha alma em desejo arde
Crê que um dia mais tarde
Hei-de fazer-te rainha

Dona Inês

Então vamos meu querido
A tudo te sou fiel
Se tens isso no sentido
Seguimos o nosso papel

D. Pedro

Em partir acho importância
É o sítio da minha infância
E da minha avó Isabel

Dona Inês

Vamos querido amor
Meu amparo, minha alegria
Meu Infante, meu senhor
Para mim és a luz do dia

D. Pedro

Querida! Caminha, caminha
Vamos para o Paço da Rainha
Viver juntos à fidalguia

Dona Inês

Meu Pedro, meu adorado
Seguimos os nossos caminhos
Partindo de braço dado
Gozando os doces carinhos

D. Pedro

Lá é belo o ambiente
Vamos viver loucamente
Junto aos nossos filhinhos

Dona Inês

Para aonde fores eu vou
Para levar a vida em riso
Sempre a teu lado estou
E de estar não finalizo

D. Pedro

Eu digo-te com franqueza
Que o Paço é uma lindeza
E a quinta é um paraíso

O mestre canta

Estão no Paço da Rainha
Amando-se cegamente
Mas a má sorte caminha
Num drama triste e sangrento

Os dançarinos repetem. Vêm outros dois fulanos.

7º Fulano

D. Pedro e Dona Inês
Então aqui a habitar
Entra semana e sai mês
E eles só a banquetear
Ele viúvo e ela solteira
Grandessíssima bandalheira
Está o Infante a praticar

8º Fulano

Ele com ela se quis juntar
E não tratou do rodeio
E para o Paço veio morar
Sem ter custo nem receio
Tu sabes perfeitamente
Que o povo não está contente
Isto fica muito feio

Entra um outro fulano e diz a eles:

9º Fulano

Os Castros, os irmãos dela
Chegaram ontem à tardinha
Os fidalgos de Castela
Andam aí como sardinha

8º Fulano

Andam-lhe tirando a lã
E fazem com que a irmã
Ainda chegue a ser rainha

9º Fulano

Tem havido grandes folias
Que eu queria dizer não sei
É banquetes todos os dias
É um divertir sem lei

7º Fulano

E Dona Inês tem filhos
Ainda pode haver sarilhos
E um deles vir a ser rei

Vem um último fulano dizendo a este:

10º Fulano

Pode calhar no entanto
Mas ó homem tu descansa
Que pela morte deste Infante
Vai haver muita segurança
Para os castelhanos essa era boa
Mas quem tem direito à Coroa
É o filho de Dona Constança

9º Fulano

O que sucede é que o Infante
Não está fazendo bom serviço
Tem o juízo velante
Por causa deste **derrico**
Ó eu cá por mim não sei
Mas penso que El-rei
Ainda vai pôr fim a isso

O mestre canta

Inês de Castro é bela
É boa, firme e fiel
Está guardada para ela
Uma morte tão cruel

Os dançarinos repetem. Pelo meio da dança, fingindo uma audiência, o rei reúne-se com os três conselheiros e diz zangado:

Afonso IV

Fidalgos! Eu estou irritado
Não pode continuar assim
Porque em pouco o meu reinado
Vai ter um péssimo fim
Que dizem a este sarilho
O desavergonhado do meu filho
Vir para bem perto de mim

Álvaro Gonçalves

Parece mesmo impossível
O trabalho que ele fez
Isto é duro! Isto é incrível
Volto a dizer outra vez
D. Pedro está tresloucado
E assim segue embalado
Tudo por causa de Inês

Afonso IV (a Pêro Coelho)

Diga-me fidalgo meu
Se isto é coisa que se faça
Pense no sentido seu
Se é direito o que se passa

Pêro Coelho

Digo que por causa dela
Essa dama de Castela
Pode haver grande desgraça

Afonso IV (a Diogo Pacheco)

Diga-me fidalgo amigo
Fale-me desembaraçado
Essa mulher é um perigo
Depois para o meu reinado

Diogo Pacheco

Eu não estou achando bem
Pois ela já filhos tem
E pode dar mau resultado

Afonso IV (zangado)

Esses filhos lá para fora
Eu quero é vê-los num braseiro
O filho da minha nora
É que há-de ser o herdeiro

Álvaro Gonçalves

O direito é tirar-lhe a vida
E mandar essa atrevida
Lá para o mundo verdadeiro

Afonso IV (contente)

O que me disse desta vez
É que me veio agradar
Então tratem lá os três
De a irem degolar

Álvaro Gonçalves

Senhor! Vamos depressa
Cumprir vossa promessa
E tudo vai melhorar

O mestre canta

A cabeça vão cortar
À pobre de Dona Inês
É mesmo de arrepiar
Ó que grande hediondez

Os dançarinos repetem; D. Pedro diz a Dona Inês:

D. Pedro

Querida! Adeus vou-me ausentar
Vou ir a uma caçada
E nada de assustar
Que não te acontece nada

Dona Inês

Fico com os nossos filhinhos
Ao pé de mim coitadinhos
Penso que estou bem guardada

**D. Pedro retira-se e neste momento entram dois pequenos na dança.
Pondo-lhes as mãos sobre a cabeça ela diz-lhes:**

Dona Inês

Meu Diniz e meu João
O papá foi hoje caçar
Com grande satisfação
Acabou de caminhar
Mas eu quero-vos dizer
Que não vale entristecer
Que ele não tarda a voltar

Nesta altura vêm os três algozes ao pé dela: Álvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco e Pêro Coelho. Inês fica assustadíssima; Álvaro Gonçalves deita-lhe a mão a um braço e diz-lhe com voz de fera:

Álvaro Gonçalves

Olá! Viva Dona Inês
Vamos contas ajustar
Não está cansada de vez
De tanto mal praticar?

Pêro Coelho

Está presa em nome da lei
Viemos da parte de El-rei
Para a cabeça lhe cortar

Dona Inês (aflita e de mãos postas)

Senhores! Pelo amor de Deus
Tenham dó dos meus filhinhos
Ficam sem os carinhos meus
Inocentes coitadinhos

Dizem ambos os pequenos e choram em coro.

Diniz e João

Os senhores não matem a mamãe
Que a gente fica sem ninguém
Neste Palácio sozinhos

Diogo Pacheco

O pranto não vale nada
Embora, chorem a fundo
A cabeça vai ser cortada
Sem demorar um segundo

Diniz

Senhores! Tenham dó da gente
Pelo Pai Omnipotente
Que ficamos sem mãe no mundo

Álvaro Gonçalves

Vamos e é sem demora
Que a hora já vai avançada
Já se está passando a hora

De a cabeça ser cortada

Dona Inês

Vão-me reduzir a pó
Senhores! Por Deus tenham dó
Desta pobre desgraçada

João (mãos postas)

Pelo amor de Deus, senhores
Deixem a nossa mãezinha
Ó que tormentos e dores
Ela vai passar coitadinha

Ambos choram. Diniz de mãos postas.

Diniz

Ó meu Bom Jesus ouvi-nos
Com misericórdia acudi-nos
Que eu sou tão criancinha

Álvaro Gonçalves levantando a espada no ar diz a Inês:

Álvaro Gonçalves

Nada valem os rogos seus
Está bastante de demora
Encomende a alma a Deus
que esta é a sua última hora

Dona Inês (de mãos postas)

Meu Deus! De mim tenha dó
E de meus filhos que ficam só
E salve-me Nossa Senhora

Nesta altura ele descai a espada sobre o pescoço de Inês fingindo cortar-lhe a cabeça. Diz aos companheiros:

Álvaro Gonçalves

Vamos o corpo arrastar
Para o pátio, para este lado

Diogo Pacheco

Acabámos de executar
O que El-rei tinha destinado

Pêro Coelho

Já matámos este inimigo
O reino está sem perigo
D. Afonso está descansado

Arrastam-na para fora da dança e fica da parte.

O mestre canta

Ó que crime de nefando
Ó que tal coragem têm
As crianças estão gritando
Pela sua querida mãe

Os dançarinos repetem. As crianças vão ambas pela dança abaixo com as mãos na cara a chorar alto (gritando mesmo). Entra D. Pedro, vindo da caçada, e vê-as a gritar:

D Pedro (aflito)

Ó! Meus queridos filhinhos
Que má surpresa esta minha
Digam-me porque é coitadinhos
Que estão com essa ladaínha

João

Enquanto o papá foi dar seus passeios
Vieram três homens muito feios
E mataram a mãezinha

D. Pedro (como doido)

Inês! Inês! Querida Inês
Minha alma não se conforta
Hei-de vingar-me desses três
Isto é uma dor que me mata

Diniz

Papá, deixe-me falar
Não vale a pena chamar
Porque a mãezinha está morta

D. Pedro (aos filhos)

Meu Deus! Eu sou um infeliz!...
Para que **chegueis** a sair
E onde está a **Beatriz**
Que eu ter com ela quero ir ?

João

A nossa menina coitada
Ainda não sabe de nada
Está no berço a dormir

D. Pedro, com os filhos um de cada lado pelo meio da dança abaixo vai dizendo; gritando como louco:

D. Pedro (gritando)

Ó minha Inês adorada
Ouve os meus ais tão aflitos
Descansa! Vais ser vingada
Juro! Juro! Em altos gritos
Quando chegar a ocasião
Mando tirar o coração
Àqueles grandes malditos

(Mais calmo)

Eu casei com Inês secretamente
Sem ninguém mesmo o sonhar
E deste drama sangrento
À força me hei-de vingar
Da ideia não me sai
Um exército contra meu pai
A caminho vou formar

(Feroz)

E quando eu no trono reinar
Embora me façam às postas
Na minha côrte hei-de jurar
E fazer mil propostas
A ouvir urros e gritos
Mando tirar aos três malditos
O coração pelas costas

(Esperançoso)

E tu, ó Inês querida!
Explico a vontade minha
Estás no Céu, perdeste a vida
Mas a vingança caminha

(Cansado)

Da urna serás levantada
E pelas minhas mãos coroada
Depois de morta RAINHA!

Fim do assunto

O mestre canta

Já se acabou o assunto
E sabeis multidão bela
Que Portugal todo junto
Respeita as cinzas dela

Os dançarinos repetem. Dançam e o mestre dá a despedida

Despedida

O mestre

Adeus povo delicado
Fico-vos muito obrigado
Pela vossa atenção
Um adeus a todos dou
E se alguém não gostou
Desde já o meu perdão **(CORO)**

CORO

Adeus ó almas amigas
Cravos rosas e amores
Rapazes e raparigas
Adeus ó jardim de flores

À velhice e mocidade
A menino e menina
Deus vos dê felicidade
Com Sua graça divina

O mestre

Adeus toda a assembleia
O povo que nos rodeia
Que veio ouvir e ver
Mulheres homens e rapazes
Eu por mim não tenho frases
Com que possa agradecer **(CORO)**

O mestre

Não voltamos mais atrás
Adeus e fiquem em paz
Vou fazer ponto final
Pois é tempo que se passa
Foi apenas uma graça
Dos dias do Carnaval **(CORO)**

Fim

Casa da Cultura da Terceira
Processado em computador por Jorge Borges, a partir do documento
existente na Colecção JNB.
Angra do Heroísmo, Julho de 2001.